

QUESTÕES HISTÓRICO-SOCIAIS E DE GÊNERO EM JACQUES, O FATALISTA DE DENIS DIDEROT

HISTORICAL AND SOCIAL GENDER ISSUES IN DENIS DIDEROT' JACQUES THE FATALIST

Nilson Aduino Guimarães da Silva¹

RESUMO: Neste artigo, são apresentadas a sociedade de *Ancien Régime*, na França do século XVIII, e a atuação de filósofos e literatos que buscam intervir nas questões da cidade, sem perder de vista a importância da ciência para o estabelecimento de uma nova ordem. A ciência, que eles contribuem para divulgar, lhes dá modelos, objetos e métodos para uma apreensão racional do mundo, o combate às superstições, liberdade para pensar, agir e conhecer. A dúvida metódica cartesiana atinge a política, a moral e a teologia, que são submetidas ao exame crítico. Discute-se a obra de Denis Diderot, atribuindo-lhe o lugar e a função de filósofo: a *Enciclopédia* ou *Dicionário Razoado das Ciências, Artes e Mistérios*, de que Diderot foi líder e principal empreendedor, divulgou as luzes e combateu a intolerância e o despotismo, confirmando o lugar da reflexão científica e o laço entre ciências da natureza e ciências humanas. Diderot escreveu, também, peças de teatro, romances, contos, diálogos e ensaios, com o intuito de combater a superstição e o preconceito e apresentou uma reflexão aprofundada sobre a escrita romanesca e os tipos de efeito de realidade que ela implica. O relato sobre *um casamento singular*, inserido no romance de sua autoria *Jacques, o fatalista* é aqui lido na perspectiva do combate das Luzes, à luz dos conceitos de dominação e violência simbólica de Pierre Bourdieu.

PALAVRAS-CHAVE: Luzes; *Enciclopédia*; Denis Diderot; *Jacques, o fatalista*; violência simbólica.

ABSTRACT: This paper presents the eighteenth-century French Society, the Ancien Régime, and the action of philosophers and writers who aimed at intervening in the city's debates, without losing sight of science's prominent role in the establishment of a new order. Science, which they helped to spread, gives them models, objects and methods for a rational apprehension of the world, the fight against superstitions and for the freedom to think, act and learn. The Cartesian doubt affects politics, morality and theology, which are subject to critical examination. We analyze the work of Denis Diderot, to whom the place and role of philosopher is ascribed. The Encyclopedia and the Universal Dictionary of Arts and Sciences, of which Diderot was the leader and main contributor, spread the lights and fought against intolerance and despotism, confirming the role of scientific thinking and the bonds between natural sciences and human sciences. Diderot also wrote novels, plays, short stories, dialogues and essays with the purpose of fighting against superstition and prejudice, as well as presented a deep reflection about novel writing and the effects of reality it elicited. The account about a singular marriage, inserted in his novel *Jacques the fatalist*, is analyzed in the context of the fight for the Enlightenment, in light of Pierre Bourdieu's concepts of domination and symbolic violence.

KEYWORDS: Enlightenment; Encyclopedia; Denis Diderot; Jacques the fatalist; symbolic.

¹ Doutorado (2008) em Letras Neolatinas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Atualmente é professor adjunto da Universidade Federal de Viçosa, atuando no Mestrado em Letras. nilsonadauto@yahoo.fr

DIDEROT E O SÉCULO XVIII

Ao se estudar a História da Europa, tem-se a impressão de que costumes e formas de organização social, como a centralidade do catolicismo e do poder monárquico, típicos da Idade Média se prolongaram na França mais do que em outras regiões, e que o início da Modernidade só chegou ali a partir do século XVIII e da Revolução Francesa, quando o humanismo renascentista começou a penetrar nas formas de vida.

O século XVIII na França, marcado pela filosofia da Ilustração ou Iluminismo, é conhecido como Século das Luzes, sendo estas tratadas como metáfora da racionalidade humana. O período se caracteriza pela paixão pelas ideias, num movimento iniciado ainda no século XVII com a *Querela dos Antigos e dos Modernos*. O pensamento iluminista pretendia romper com os preconceitos herdados da escolástica e estabelecer novos princípios sociais, morais e estéticos, e termina por abalar os fundamentos políticos e religiosos da sociedade francesa de então.

Baseando-se na confiança na razão humana e na fé otimista no progresso, os filósofos rejeitam a autoridade da tradição e as soluções teológicas e metafísicas, e fazem assim uma revisão crítica das noções fundamentais referentes ao ser humano e à organização da sociedade.

Diferentemente do século XVII, que deixa uma impressão de estabilidade – sendo marcado pela cristandade, pela monarquia, com o longo reinado de Luís XIV, e pelo classicismo, o século XVIII é uma época de movimentação e crise, que culmina na Revolução Francesa e muda um sistema político-social secular.

Em sua recusa da organização social considerada ultrapassada, mas ancorada numa longa tradição, e em sua atenção para o sentido de progresso histórico, os pensadores do século XVIII acabam por criar uma nova visão do tempo humano e da História. Esses pensadores não têm nostalgia, mais do que para o passado seu olhar está voltado para o futuro, com o desejo de tempos melhores; numa nova compreensão do devir histórico, colocam em xeque a tradição e os princípios de poder e de autoridade nela baseados; recusam o engrandecimento do passado e dos heróis católicos e guerreiros, que são vistos, junto com os milagres, como nada mais do que fábulas.

Quando voltam ao passado, os filósofos buscam explicar a origem dos erros a fim de conter sua propagação, de diminuir a ignorância e afastar os preconceitos. A história dos erros humanos funciona como uma advertência para o presente, e contribui para exaltar o progresso do espírito; baseando-se no princípio da racionalidade humana e no espírito de exame, defendem valores ligados ao avanço do pensamento científico, ao invés da tradição, e se abrem a outras culturas além daquela especificamente francesa.

Mesmo tendo perdido sob Luís XV sua supremacia militar, a França é vista como modelo pela Europa, por sua literatura, suas artes, modos, elegância e espírito. Ela é encarada como uma espécie de *modelo* por outras nações, mas isso se deve em grande parte à abertura que os franceses tiveram para acolher elementos culturais de outras nações. Os escritores franceses de então se pretendem cosmopolitas e se dizem europeus, ou cidadãos do mundo, apoiando-se na universalidade da razão e no relativismo dos costumes para combater particularismos e preconceitos nacionais; buscando um ideal de paz e de civilização, acolhem assim inúmeras influências estrangeiras, em especial elementos musicais da Itália e elementos literários da Alemanha.

A Inglaterra é enaltecida de forma particular, pela filosofia de Locke, pela física de Newton, pelo regime político, que daria lições de tolerância e liberdade, em oposição à França, vista como território de crenças supersticiosas e preconceituosas, com o regime absolutista, com a falta de liberdade religiosa e com o desprezo tradicional da nobreza pelo comércio; a Inglaterra é enaltecida ainda por seus escritores: Shakespeare, Swift, Pope, Richardson e Sterne, a quem Diderot faz referências diretas, fingindo plagiá-lo, em seu *Jacques, o fatalista*, publicado em 1778-1780.

A filosofia e a literatura do Iluminismo francês são extremamente engajadas, no sentido de não perderem de vista a organização política e social baseada numa estrutura hierárquica, fundada na desigualdade e nos privilégios, e no sentido de desejarem modificar essa estrutura social.

A França do século XVIII apresenta alguns avanços sociais quanto a escolarização, descobertas científicas e melhoria das condições de vida, mesmo se perduram situações de exploração e de violência, inclusive com guerras longas e sangrentas, como a Guerra dos Sete Anos (1756-1763), quando a França perde para a Inglaterra suas colônias, a Índia e o Canadá, com consequências graves para sua economia, e com a presença do fanatismo e da arbitrariedade, como nas questões de Calas, Sirven e La Barre. Entretanto, a situação de miséria e desigualdade social se agrava a partir de 1775, com uma perturbação econômica geral desencadeada pela perda das ex-colônias e por uma séria crise agrícola.

As colheitas são ruins, os camponeses se empobrecem e diminuem suas compras nas cidades, o que gera uma crise também na economia urbana. Por sua vez, os que arrendavam suas terras veem seus lucros diminuírem, e tentam ressuscitar antigos impostos para impô-los aos camponeses já empobrecidos, o que gera agitação e insatisfação social. Os camponeses pagam imposto aos senhores e também ao Estado, enquanto a nobreza e o clero escapam desta necessidade.

Esta sociedade do Antigo Regime, fundamentada no privilégio e na desigualdade de direitos, será alvo constante dos filósofos e literatos, que buscam de

alguma forma intervir nas questões da *cidade*. Toda hierarquia e toda proibição são questionadas e busca-se basear as relações no princípio da igualdade.

Os autores, entre eles Denis Diderot (1713-1784), que buscaram uma literatura e uma filosofia emancipadora e atacam particularmente a monarquia absolutista e as religiões – em especial o catolicismo –, não perdem de vista a importância da ciência para o estabelecimento de uma nova ordem. Eles se voltam para o estudo dos fatos e dos fenômenos naturais e buscam na ciência seus modelos, objetos e métodos. Na batalha contra o rei absolutista e a Igreja, a ciência torna-se uma palavra de ordem: apreensão racional do mundo, combate às superstições, liberdade para pensar, agir e conhecer.

O escritor-filósofo do século XVIII busca mostrar ao público a natureza e a extensão das descobertas científicas e contribuiu para a popularização das descobertas de Descartes, Galileu e Newton, em especial, divulgando o culto laico dos grandes homens, sobretudo os sábios, no lugar dos homens da Igreja e dos heróis militares. Enfim, a ciência toma o lugar da metafísica e deixa seus reflexos sobre a literatura; as trocas são fecundas entre literatura e belas-artes, e entre literatura e ciência; Diderot chega a conceber a hipótese evolucionista. A dúvida metódica cartesiana se expande e atinge a política, a moral e até mesmo a teologia, que são submetidas ao exame crítico; propugna-se o uso de senso crítico diante de toda realidade.

Kant, em 1784, em sua célebre “Resposta à questão: o que é esclarecimento?” afirma que se trata da saída do homem do estado de tutela do qual é ele mesmo o responsável, sendo o estado de tutela a incapacidade de se servir do próprio entendimento ou razão sem a condução de outro. O próprio indivíduo seria o responsável por esse estado de tutela cuja causa não seria uma insuficiência da razão, mas uma falta de resolução e coragem. É a preguiça e a covardia que fazem com que muitos homens permaneçam de boa vontade a vida inteira num estado de tutela, considerando a saída desse estado como difícil e perigosa, uma vez que muitos tutores buscam convencê-los disso e vigiá-los. Esses tutores buscam manter seu rebanho dócil, impedindo-o de caminhar com suas próprias pernas. Kant identifica entre os representantes do Estado e da Religião os principais interessados em se colocar como tutores, mas defende que, para que um público se esclareça a si mesmo, basta que lhe seja deixada a liberdade.

A fé, bem como a instituição religiosa, baseada no fanatismo, na cupidez e na primazia do dogma sobre a moral, foram abaladas pelo racionalismo filosófico. Defendem-se abertamente as posturas materialista, deísta, panteísta e mesmo ateísta. Enfim, a maioria dos filósofos defende uma moral laica, o homem se torna o fundamento de sua própria moral.

Essa nova moral, baseada na natureza e na felicidade, liberada das tutelas religiosas, associa a virtude mais à ideia de utilidade social do que à ideia de salvação. Mesmo se a Igreja ainda conserva importância social e política, o espírito crítico rejeita os dogmas, acentua o aspecto relativo dos costumes e busca uma moral independente da crença religiosa. Defende-se a possibilidade de indivíduos que mesmo ateus respeitem as regras morais. Certamente, a filosofia sensualista de Locke e de Condillac, que considera a experiência dos sentidos como fonte de conhecimentos, permite uma reabilitação do prazer, do corpo, das paixões, dos institutos e da felicidade neste mundo.

Pode-se dizer que a monumental *Enciclopédia* ou *Dicionário Razoado das Ciências, Artes e Misteres* constitui a maior e mais completa expressão do Iluminismo, como compilação das principais ideias e teses filosóficas, políticas e científicas da época. O projeto da *Enciclopédia* era fazer um balanço geral dos conhecimentos humanos e levantar um catálogo refletido das diversas ciências: matemáticas, físicas, históricas, naturais e outras. Seu objetivo era divulgar as luzes e combater a intolerância e o despotismo, contribuindo assim para a felicidade da humanidade.

A *Enciclopédia* confirma o lugar da reflexão científica, na evolução do pensamento e das ideias, e o laço entre ciências da natureza e ciências humanas. Maior projeto editorial de todos os tempos, ela traz uma variedade enorme de textos visando difundir a nova ideologia, fundada nas ciências, por meio de uma fácil compreensão, com um discurso científico em estilo simples e claro na exposição das inúmeras matérias. Para a empreitada teriam contribuído mais de uma centena de especialistas; trata-se, portanto, de uma obra coletiva, porém Diderot, um dos pensadores mais revolucionários de seu tempo, foi o líder e o principal empreendedor dos enciclopedistas.

Denis Diderot, além de inúmeros artigos para a *Enciclopédia*, escreveu em vários gêneros: peças de teatro, romances, contos, diálogos e ensaios. Escreveu sobre fisiologia, física, arte e moral, com o intuito de combater a superstição e o preconceito: “O interesse pela moral o levou a escrever sobre a hipocrisia dos costumes e sobre a inadequação entre as convenções sociais e as necessidades naturais” (SANTOS, 1989, p. 17).

À época, as obras consideradas subversivas eram condenadas, cassadas e proibidas. A própria *Enciclopédia* foi publicada clandestinamente. Diderot, sendo um dos mais ousados escritores de seu tempo, sofreu reprovações e perseguições, tendo passado três meses na prisão do castelo de Vincennes.

Extremamente erudito e profundo conhecedor das ciências, ele considera que não há nada fora da natureza e seu método principal se baseia na observação da natureza, na reflexão e na experimentação. Ele considera que “as artes e as ciências

devem progredir para fazer descobertas úteis para o homem, e o único meio de acelerar seus progressos é instruir o povo, é popularizar a filosofia” (SANTOS, 1989, p. 20). Numa carta a ele enviada pelo amigo Voltaire, este dizia que Diderot era “um homem necessário ao mundo, nascido para iluminar e para esmagar o fanatismo e a hipocrisia” (SANTOS, 1989, p. 21).

Nosso escritor criou um novo estilo para o teatro: o drama burguês, com regras de encenação que rompiam definitivamente com o teatro neoclássico francês. Escreveu vastamente sobre pintura e escultura e criou um novo gênero, a crítica de arte. Esses seus textos ficaram conhecidos como *Os Salões*, que não se confundem com os Salões, enquanto espaços mundanos de discussão literária, filosófica e política, mantidos pelo protagonismo de mulheres da sociedade francesa. Estes últimos foram importantíssimos para fomentar a vida das letras na França, funcionando como uma verdadeira instituição social e literária.

Desde a morte de Luís XIV, tivera início um período de decadência do poder monárquico e um relaxamento dos costumes, uma reação contra o rigor jansenista e a austeridade que predominavam na corte. Neste contexto, a corte deixa de ser o centro propulsor da cultura e da opinião e é ultrapassada, em seu papel intelectual e social, pelos clubes, cafés e, sobretudo, pelos Salões. Resta ainda muito a investigar sobre o fenômeno dos Salões, sob a perspectiva das relações de gênero e da história das mulheres, enquanto empreendimento levado a cabo graças à liderança e ao dinamismo femininos.

Apesar da grandeza e da importância de sua obra, a filosofia de Diderot foi praticamente ignorada depois de sua morte. A filosofia acadêmica demorou para considerar Diderot um *filósofo*, título que nunca lhe foi recusado por nenhum de seus contemporâneos: “As relutâncias na atribuição desse título se deviam, provavelmente, à instabilidade das convicções de Diderot, à pluralidade de seus interesses e às contradições entre os textos, que sugeriam a falta do rigor tão necessário num filósofo” (SANTOS, 1989, p. 21).

De acordo com Torres Filho, não há que se confundir rigor com rigidez e podemos considerar que a filosofia não é somente uma exclusividade do filósofo, como competente e titulado técnico: “O filosofar, desde a antiguidade, tem acontecido na forma de fragmentos, poemas, diálogos, cartas, ensaios, confissões, meditações, paródias, peripatéticos passeios, acompanhados de infundável comentário, sempre recommçado” (TORRES FILHO in DIDEROT, 1989, p. 9).

Sob o ponto de vista mais especificamente literário, o século XVIII, na França, marca uma evolução do romance que corresponde a um afastamento da fábula e da idealização cavalheiresca e a uma aproximação do realismo, das questões literárias, antropológicas, culturais e sociais. No início do século, o romance permanece um

gênero ainda não propriamente constituído, afastado do campo da arte literária, sem poder ser autorizado por nenhum modelo literário antigo. O que prevalecia até então era a narrativa de aventuras, que associava a história de aventuras e de amor, mesmo se já com *La Princesse de Clèves* (1678), de Madame de Lafayette, surge o romance próximo da história e do verossímil, preocupado com a verdade e com o natural, apresentando tipos mais próximos dos leitores, sem digressões e artifícios.

A recusa por parte de muitos escritores em se assumir como romancistas perdura ao longo de quase todo o século. A evolução e o reconhecimento do romance são tardios e seu triunfo só no fim do século vence as reticências das quais ele foi tradicionalmente objeto. Entretanto, “este gênero normalmente desprezado, às vésperas da Revolução, ultrapassa a poesia nas editoras e entra na moda” (TATIN-GOURIER, 1996, p. 103).²

A evolução do romance é impulsionada pelas críticas que os próprios romancistas fazem aos estereótipos romanescos. As críticas, ironias e paródias condenam as digressões, o heroísmo e a multiplicação de aventuras inverossímeis. O romance começa a tratar com ironia os procedimentos codificados do romance de até então, próximos do conto maravilhoso, situado fora do campo da verossimilhança, e as aventuras e as situações extraordinárias deixam de ser o essencial da trama romanesca. A paródia da narrativa romanesca tradicional permite sua reorientação para a apresentação e problematização da realidade contemporânea e faz surgir novas modalidades, menos ingênuas, de leitura da narrativa.

Desviando-se das idealizações, o romance começa a por em cena experiências contemporâneas afetivas e morais, sociais, filosóficas e até religiosas. O romance se mostra apto a exprimir em sua integralidade e complexidade as visões da vida e do mundo, prolongando e ampliando as interrogações morais e filosóficas dos iluministas. Questiona-se a possibilidade de felicidade do ser humano numa vida social que constrange a natureza e sufoca a sensibilidade, daí a reivindicação do direito ao prazer e à felicidade.

A paródia e a sátira moral e social marcam o romance e atingem a sociedade contemporânea, e surge lentamente um novo modelo de romance, mais breve, com o cuidado da verdade e orientado para a análise psicológica. A crítica das inverossimilhanças romanescas conduz a uma evolução para o realismo. Essa evolução do romance, com sua inflexão para o realismo, é acompanhada por um refletir sobre a ficção, sobre a relação entre leitor e autor, e sobre o próprio ato de leitura. Problematisa-se a própria relação da representação romanesca com o real; é o que faz de forma marcante Diderot.

2 Traduções do autor, exceto quando explicitamente referido.

Diderot apresenta, dentre os contemporâneos, a reflexão mais aprofundada sobre a escrita romanesca e os tipos de efeito de realidade que ela implica. Segundo o autor, a ilusão nasce da precisão e da riqueza de detalhes, bem como da caracterização exata dos personagens. Esse efeito ou ilusão de real mostra que a ficção é essencialmente um artifício. A própria simulação da narrativa oral permite exibir este caráter ficcional: “Mesmo respondendo às exigências da verossimilhança e produzindo a ilusão do real, o romance se mostra assim como ficção” (TATIN-GOURIER, 1996, p. 111).

Diderot pode ser considerado um escritor moderno tanto pelo aspecto teórico de seus posicionamentos acerca da célebre *Querela dos Antigos e Modernos* quanto pela sua prática literária, em particular no romance *Jacques, o fatalista*, em que trata os conflitos individuais como inseparáveis das tensões sociais, aborda os comportamentos, questiona convenções e preconceitos, tematiza o próprio fazer literário e multiplica, dialogicamente, narradores e pontos de vista diversos. Em *Jacques, o fatalista*, a reflexão teórica e a prática romanesca são indissociáveis e esta obra constitui o coroamento do conjunto da reflexão teórica sobre o romance no século XVIII.

A HISTÓRIA DE UM CASAMENTO SINGULAR

No século XVIII francês, com a enriquecedora proximidade da literatura com as ciências e com a filosofia, as formas literárias são as mais diversas: contos, romances, sátiras, panfletos, peças de teatro, entre outras. Essa literatura, que se costuma chamar científica e de ideias, revela-se marcadamente militante, próxima da crítica religiosa e da análise política, apresentando frequentemente violentos ataques contra a união entre instituição eclesiástica e poder político; falando-se de química, física e astronomia, busca-se de alguma forma instruir.

Os escritores tratam ainda da supressão da escravidão, das questões econômicas, da pedagogia, da liberação da mulher, como em *La Colonie* (1750), de Marivaux. Os romancistas propõem, frequentemente, aventuras libertinas ou licenciosas que dão testemunho da liberação dos costumes e conferem um tom provocante a seus textos; todas essas características são facilmente identificadas nas obras de Diderot.

Um recurso frequente é a ironia, que incita o leitor a se libertar das proibições, a interpretar e a reagir. As formas breves, carta, novela, conto, e simulações da oralidade, da conversa e do diálogo, são preferidas aos tratados filosóficos. A escrita dinâmica do diálogo permite uma encenação e permite os confrontos de ideias, com isso o gênero antigo do diálogo de ideias é profundamente renovado.

O aspecto de diálogo dos textos de Diderot aparece às vezes já no título das obras, como *Diálogo entre d'Alembert e Diderot* (1769), *Diálogo de um Pai com seus filhos* (1771), *Suplemento à Viagem de Bougainville ou Diálogo entre A e B* (1772), *Diálogo de um Filósofo com a Marechala de...* (1776). Em *Jacques, o fatalista*, a estrutura do diálogo é marcada graficamente pela transcrição do nome do personagem seguido de dois pontos, numa espécie de didascália que introduz suas falas.

Em *Jacques, o fatalista*, o fio condutor, pelo menos aparente, é constituído pelos amores de Jacques, num relato sempre adiado, pois seus amores só ele os conhece, o narrador e o amo têm que esperar a sua boa vontade em contá-los. Durante uma viagem, o amo e seu criado não param de conversar, e na narrativa se encaixam anedotas em que outros personagens falam também abundantemente. Desde as primeiras páginas, o tema da conversa é anunciado claramente e são indicados os vários níveis de fala: fala do narrador, do leitor, de Jacques, de seu amo, e as inúmeras conversas que eles relatam; há ainda as conversas com outros personagens, que podem por sua vez contar histórias de outros dos quais eles transmitem as falas.

Essa viagem é também uma travessia pela sociedade francesa do século XVIII, ao retratar vários ambientes e tipos sociais, albergues, estradas infestadas de bandidos, andanças a cavalo, meio de transporte essencial à época. Graças à variedade dos encontros, são apresentados os diversos grupos e ordens sociais: nobreza representada pelo amo, pelo marquês des Arcis e pela Sra. de La Pommeraye; clero super-representado, com sua hierarquia fortemente sentida; o *terceiro estado*, como classe multiforme que engloba mercadores, camponeses, burgueses, e criados; enfim o exército. Há uma vasta representação da sociedade, tanto da cidade quanto do campo (cf. DIDIER, 1998, p.60).

A história do marquês des Arcis e da Sra. de La Pommeraye é a principal e mais longa história *encaixada* no romance. A história é narrada pela proprietária da hospedaria em que se achavam Jacques e seu amo e na qual chegara também o Marquês. Na verdade, é um criado quem contara o caso a uma serviçal, que o contou ao marido da hospedeira, e esta conta por sua vez aos dois hóspedes.

O narrador primeiro fala em história de um “casamento singular” (DIDEROT, 1993, p. 102) e a hospedeira também observa que se trata de um “casamento bem extravagante...” (DIDEROT, 1993, p. 95). Entretanto, poderíamos falar antes de *um fim de casamento singular*, primeiramente em função da proposta do Marquês à Sra. de La Pommeraye, quando percebe que já não existe o mesmo sentimento entre eles:

– Não nos enganamos um ao outro; tendes direito a toda minha estima; creio não ter perdido inteiramente o direito à vossa: continuaremos a nos ver, entregar-nos-emos à confiança da mais terna amizade. Todo tédio nos será poupado, bem como todas essas

pequenas perfídias, reprovações, todo o mau humor que, comumente, acompanham as paixões que terminam; seremos únicos em nossa espécie. Recuperareis vossa liberdade e devolvereis a minha; viajaremos pelo mundo; serei o confidente de vossas conquistas e não vos esconderei as minhas, se acaso fizer alguma, o que duvido muito, pois fizeste de mim um homem difícil. (DIDEROT, 1993, p. 107)

O fim do relacionamento é singular também pela atitude da Sra. de La Pommeraye, que finge aceitar a proposta do marquês, mas na verdade planeja contribuir para que ele se case com outra mulher, de conduta duvidosa, a fim de atingir sua honra e assim se vingar.

A hospedeira, ao início de seu relato, refere-se ao Marquês dizendo que “era um homem galante, amável, que pouco valor dava à virtude das mulheres”, e refere-se à Sra. de La Pommeraye como sendo “uma viúva de costumes, nascimento, fortuna e alta posição” (DIDEROT, 1993, p. 103), marcando assim sua situação social.

A insistência do Marquês e suas qualidades pessoais, “juventude, figura, maneiras, com as aparências da mais verdadeira paixão” (DIDEROT, 1993, p. 103) surtiram efeito e, depois de vários meses de relutância, a Sra. de La Pommeraye “fez exigências, de acordo com o costume dos mais solenes juramentos, e fez a felicidade do Marquês” (DIDEROT, 1993, p. 104).

Depois de alguns anos, o Marquês começou a achar a vida da Sra. de La Pommeraye muito limitada, e esta também observou mudanças no marido: “A Sra. de La Pommeraye pressentiu que não era mais amada; só faltava certificar-se disso” (DIDEROT, 1993, p. 104). A hospedeira continua sua narrativa:

A HOSPEDEIRA: Um dia, depois do almoço, ela disse ao Marquês:

– Estais devaneando, meu amigo.

– Também estais distraída, Marquesa. (DIDEROT, 1993, p. 104)

A essa altura, há uma mudança significativa na forma de narrar, como se a hospedeira transmitisse diretamente a palavra ao casal, e o diálogo continua em primeira pessoa, introduzido apenas pelo sinal do travessão. Depois de longos rodeios, numa linguagem nada direta e mesmo ambígua, a Sra. de La Pommeraye dá a entender ao marido que é ela quem já não se interessa por ele:

– Marquês, [...] Sois o mesmo, mas vossa amiga mudou, vossa amiga vos venera, vos estima tanto ou mais do que nunca; porém... porém, uma mulher habituada, como ela, a examinar de perto o que acontece nos mais secretos recônditos de sua alma e a não se deixar levar por coisa alguma, não pode esconder de si mesma que o amor acabou. A descoberta é horrível, mas não é menos real. Eu, a Marquesa de La Pommeraye, eu, inconstante, leviana...” (DIDEROT, 1993, p. 106)

A narrativa da hospedeira é constantemente interrompida por seus criados, que vêm a todo momento lhe solicitar alguma coisa, e por causa disso ela chega a

se irritar: “Não se tem um momento de sossego nesta casa, nem nos dias em que não há quase ninguém e que se crê não ter nada a fazer. Uma mulher em minhas condições é de se lamentar, sobretudo com uma besta de marido como o meu” (DIDEROT, 1993, p. 106).

O marquês responde então à esposa e lhe propõe que, apesar da ruptura, continuem a se ver, com confiança e amizade, o que os faria únicos em sua espécie:

– Sois uma mulher encantadora, uma mulher adorável, uma mulher sem igual. [...] confesso que a história de vosso coração é, palavra por palavra, a história do meu. Tudo o que pensastes, eu disse a mim mesmo, mas me calava, sofria e não sabia quando teria coragem de falar-vos. [...] só nos resta felicitar-mo-nos reciprocamente por termos perdido ao mesmo tempo o sentimento frágil e enganador que nos unia. (DIDEROT, 1993, p. 107)

A hospedeira interrompe a história, pois precisa se retirar para cuidar de seus afazeres. Tem-se então uma intromissão do narrador primeiro do romance, que fala sobre “o primeiro juramento feito entre dois seres de carne e osso”, à qual se segue a fábula da Bainha e do Punhal, contada por Jacques a seu amo. (DIDEROT, 1993, p. 108-109)

Ciente de que de fato não era mais amada, a Sra. de La Pommeraye, plena de despeito, de angústia e de indignação, começou a pensar em seu plano de vingança: aproximar o Marquês de uma provinciana e de sua filha, uma jovem bela e bem-educada. Elas, que haviam adotado os nomes de Sra. e Srta. d’Aisnon, encontravam-se arruinadas financeiramente, e abriram uma espécie de taverna, onde algum conviva acabava ficando para passar a noite com uma delas, embora a jovem fosse “desprovida de qualquer espírito de libertinagem” e tivesse sido muito prejudicada por ter cismado com um abadezinho “de condição nobre, ímpio, incrédulo, dissoluto, hipócrita, antifilosófico [...], ambicioso, ignorante, caluniador, intolerante [como] aqueles que de bom grado degolavam qualquer um que não pensasse como eles”. (DIDEROT, 1993, p. 117-118)

A Sra. de La Pommeraye alugou para as outras duas um pequeno apartamento numa casa honesta, nas vizinhanças da paróquia, mandou mobiliá-lo de forma simples e lá as instalou, deixando-lhes um sumário da conduta a seguirem: retomarem o nome de família (Duquênói) e viverem como verdadeiras devotas, mesmo que fosse preciso “acostumar-se à verborreia mística, tornarem-se janse-nistas ou molinistas, conforme o partido do cura, e incitar contra os filósofos.” (DIDEROT, 1993, p. 119-120)

Dando continuidade à realização de seu plano, a Sra. de La Pommeraye, num encontro aparentemente fortuito, mas preparado cuidadosamente por ela, põe em contato as d’Aisnon com o Marquês que, conforme ela esperava, apaixonou-se imediatamente pela jovem. A partir de então, o Marquês torna-se mais assíduo na casa

de sua ex-mulher e acaba por lhe pedir que o ajude a se encontrar com a jovem; com o que ela consente. Depois de muitas artimanhas e alguns meses, para grande angústia do Marquês, ele revela à sua ex-esposa o desejo de desposar a jovem d'Esnon. Era este o objetivo da Sra. de La Pommeraye. Ela vai à casa de suas amigas, combinam tudo, publicam-se os proclamas, firma-se o contrato, o casamento é realizado.

No dia seguinte ao casamento, a Sra. de La Pommeraye escreveu ao Marquês, convidando-o para ir a sua casa e lhe revelou o “ofício imundo” que sua mulher e sua sogra exerceram durante dez anos. Ele voltou enfurecido para casa, não permitiu que a jovem esposa se aproximasse dele e pediu aos criados que cuidassem dela, pois estava em estado de choque e desmaiara. O Marquês se afastou durante quinze dias, enquanto mãe e filha permaneciam em sua casa, aos prantos e desesperadas. Ao retornar, ele se trancou em seu gabinete e escreveu duas cartas, uma à mulher, outra à sogra. Esta partiu no mesmo dia para um convento das Carmelitas, onde morreu algum tempo depois. A filha fora chamada ao quarto do marido e, já à porta, se pôs de joelhos, com o “rosto inundado de lágrimas”, quando estabelecem o seguinte diálogo:

– Levantai-vos.

– [...] Senhor, por graça, não vos apresseis em perdoar-me. São tantas as moças honestas que se tornaram mulheres desonestas, que talvez eu seja um exemplo contrário. Ainda não sou digna de vos ter a meu lado; esperai, deixai-me apenas a esperança do perdão. [...]

– Levantai-vos – disse-lhe docemente o Marquês –, eu vos perdoei; mesmo no momento da injúria, respeitei-vos como minha mulher; de minha boca não saiu uma única palavra que vos tenha humilhado, ou, se saiu, arrependo-me e prometo que não ouvireis mais nenhuma que vos humilhe, se tiverdes em mente que não podeis fazer um esposo infeliz sem o serdes também. Sede honesta, sede feliz e fazei com que eu também o seja. Levantai-vos, por favor, minha mulher; Sra. des Arcis, levantai-vos... [...]

– Na verdade, creio que não me arrependo de nada, e que aquela Pommeraye, em vez de vingar-se, prestou-me um grande serviço. Mulher, ide vestir-vos enquanto fazem vossas malas. Iremos para minhas terras, onde ficaremos até que possamos reaparecer por aqui sem consequências para vós e para mim... (DIDEROT, 1993, p. 143)

Durante a narrativa da hospedeira e, sobretudo, depois do fim da história, são apresentadas diversas opiniões sobre a conduta do casal. Nas discussões, no diálogo entre os personagens, há diversos posicionamentos sobre o comportamento da Sra. de La Pommeraye e das mulheres em geral: tomam partido Jacques, o amo, a hospedeira, e até mesmo o narrador primeiro.

QUESTÕES DE GÊNERO

Em várias passagens do romance se discutem as relações entre grupos da sociedade e entre indivíduos, sobretudo através da presença constante do amo e do criado. Com a história do Marquês des Arcis e da Sra. de La Pommeraye vem à tona a questão das relações de gênero, e a discussão sobre o casamento e a fidelidade conjugal.

Ao final da história, o narrador faz a apologia da Sra. de La Pommeraye. São várias as intervenções e comentários de Jacques e do amo, entremeados na narrativa da hospedeira, que fala inclusive do próprio marido:

O AMO: [...] Eis uma terrível mente de mulher! Deus me guarde de encontrar uma semelhante! (DIDEROT, 1993, p. 126)

JACQUES: Ah! Hospedeira, que diabo de mulher! (DIDEROT, 1993, p. 132)

JACQUES: Essa Sra. de La Pommeraye é uma mulher má.

O AMO: É fácil falar, Jacques. De onde provém sua maldade? Do Marquês des Arcis. (DIDEROT, 1993, p. 135)

O AMO: Jacques, nunca fostes mulher e menos ainda uma mulher honesta; julgais o caráter da Sra. de La Pommeraye pelo vosso! (DIDEROT, 1993, p. 138)

JACQUES: Cadela! Patifa! Danada! Como é possível se apegar a uma mulher como essa?

O AMO: Como é possível seduzi-la e descartá-la? (DIDEROT, 1993, p. 139)

O tema das relações entre homens e mulheres é lançado quando a hospedeira, ao iniciar seu relato, refere-se ao Marquês dizendo que “era um homem galante, amável, que pouco valor dava à virtude das mulheres” (DIDEROT, 1993, p. 103).

Antes de começar a contar a história, a hospedeira tem uma discussão com Jacques, acerca do valor e da situação das mulheres:

A HOSPEDEIRA: É preciso convir que existem homens muito maus e que existem mulheres muito más.

JACQUES: E que não é preciso ir longe para encontrá-los.

A HOSPEDEIRA: Por que haveis de vos meter nisso? Sou mulher e convém a mim dizer das mulheres tudo o que me aprouver; não careço de vossa opinião. (DIDEROT, 1993, p. 100)

No romance, a história do casamento singular é precedida por uma história de adultério. Um intendente passava as noites com a esposa do confeitiro e apresentou a seu superior uma petição judicial em que descrevia o outro como homem de maus costumes, ébrio e bruto, que batia na esposa, obtendo assim um mandado de prisão para prendê-lo. O policial que recebeu a ordem de prisão era

amigo do confeitiro e o pôs a par de tudo, aconselhando-o a se ausentar durante algum tempo. Com a ajuda de espiões para mantê-lo informado, o policial vai à casa do confeitiro, quando lá se encontra o intendente. Este se apresenta tranquilamente, crendo que, ao revelar sua identidade, o policial iria se retirar e tudo estaria resolvido, mas é surpreendido por sua resposta: “Estais mentindo, sois o confeitiro, pois é o confeitiro que dorme com a confeitira. Levantai-vos e segui-me” (DIDEROT, 1993, p. 93). O intendente precisou obedecer, seu ato veio a público, e ele foi transferido e punido.

A referência ao primeiro juramento de um casal e a fabula erótica funcionam como uma chave de leitura para toda a história do “casamento singular”, ao concentrarem uma crítica direta e ousada ao casamento e à fidelidade monogâmica:

O primeiro juramento feito entre dois seres de carne e osso foi ao pé de um rochedo que se transformou em pó; a testemunha de sua constância era o céu, que não é o mesmo nem por um instante; tudo, neles e em seu redor, era fugaz; acreditavam que seus corações estavam livres de vicissitudes. Ó crianças! Eternas crianças!... (DIDEROT, 1993, p. 108)

JACQUES: o Punhal disse à Bainha: – Bainha, minha amiga, sois uma malandra, porque todos os dias recebeis outros Punhais... – A Bainha respondeu ao Punhal: – Meu amigo Punhal, sois um malandro, pois todos os dias mudais de Bainha... – Bainha, não foi isso que me prometestes... – Punhal, vós me enganastes primeiro... – Essa discussão foi levada à mesa; o que se sentou entre a Bainha e o Punhal tomou a palavra e lhes disse: – Vós, Bainha, e vós, Punhal, fizestes bem em mudar, pois a mudança vos seduzia; mas errastes ao prometerdes que não mudaríeis. Punhal, não vedes como são loucos certos Punhais que prometem passar a vida à disposição de uma só Bainha? E como são loucas Bainhas que prometem se fechar a todos os Punhais? Não pensastes que estáveis quase tão loucos quanto eles, quando jurastes, vós, Bainha, apegar-vos a um único Punhal, e vós, Punhal, apegar-vos a uma só Bainha? (DIDEROT, 1993, p. 109)

Se a discussão sobre o “casamento singular” e sobre a questão da fidelidade permite levantar teses que tentam identificar um aspecto machista no romance, tal discussão permite igualmente uma crítica da desigualdade entre os sexos e da dominação masculina. O caráter do texto, essencialmente dialógico, possibilita-lhe sair de seu tempo e se projetar no futuro. A hospedeira diz apenas relatar os fatos como aconteceram, mas ao final emite sua opinião, como o fazem Jacques, o amo e o narrador. Há um entrecruzamento de vozes e de argumentos que desemboca na impossibilidade de concluir o debate sobre as mulheres, que só se encerra porque mandam Jacques, já bêbado, ir dormir. Com o efeito de polifonia mostra-se a recusa em fechar a discussão.

Se alguns podem considerar a história da Sra. de La Pommeraye como uma expressão de machismo – pois ela provaria a incapacidade das mulheres para se

vingar, concluindo pela supremacia masculina –, pode-se igualmente afirmar que ela combate, ao discuti-la, a desigualdade de direitos e de cobranças diferentes relativas aos sexos: a mulher é sempre, e sobretudo diante da sociedade, obrigada a respeitar o sagrado dogma da fidelidade conjugal, o homem pode se furtar a isso, sendo neste caso não só socialmente desculpado como também exaltado em sua característica de conquistador.

A hospedeira conta a história de uma fidelidade impossível entre o Marquês des Arcis e a Sra. de La Pommeraye, e essa história pode ser vista como um reflexo realista da sociedade do século XVIII, em que, apesar das regras sociais e da religião, infidelidade e filhos ilegítimos era correntes. Poderíamos dizer que temos aqui um dos posicionamentos mais ousados de Diderot, que apresenta a sagrada fidelidade no amor como nada mais do que um dentre inúmeros preconceitos; se tudo no universo manifesta uma mudança permanente, essa fidelidade só pode lhe parecer ser contra a natureza (cf. DIDIER, 1998, p. 126).

Diderot diverge de Rousseau em muitos aspectos, em particular na visão que tem da religião e da existência de Deus, sendo que o primeiro se revela ateu e materialista, e o segundo teísta e com uma posição de reverência ante a religião. No entanto, também Rousseau oferece inúmeros posicionamentos que corroboram as colocações presentes em *Jacques, o fatalista*. Contrapondo o homem primitivo ao civilizado, no *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens* (1755), Rousseau oferece, como Diderot, inúmeras críticas às convenções e às formas de organização da sociedade de seu tempo. Rousseau concebe o nascimento do *amor*, na sociedade, como simultâneo ao surgimento do ciúme e da disputa entre os indivíduos:

De tanto se verem, não mais se podem prescindir um do outro. Um sentimento terno e doce insinua-se na alma, e, pela menor divergência, transforma-se num furor impetuoso; o ciúme desperta com o amor; a discórdia triunfa, e a mais doce das paixões recebe sacrifícios de sangue humano. (ROUSSEAU, 1981, p. 90)

A crítica de Rousseau às leis atinge igualmente as convenções sociais, em particular a moral que rege os relacionamentos, baseada no casamento monogâmico; segundo o filósofo, “entre as paixões que agitam o coração do homem, há uma ardente, impetuosa, que faz um sexo necessário ao outro: paixão terrível que afronta todos os perigos e transpõe todos os obstáculos” (ROUSSEAU, 1981, p. 77). Para Rousseau, além das desordens e crimes que as paixões causam todos os dias entre nós, mostrando toda a insuficiência das leis com relação a isso, é possível que essas desordens tenham nascido das próprias leis.

Rousseau distingue entre a moral e o físico, no sentimento do amor: o físico seria o desejo geral que leva um sexo a unir-se a outro. A moral, o que determina

esse desejo e o fixa num único objeto exclusivamente. Esse sentimento moral do amor, criado sobre as noções de mérito e de beleza, e sobre comparações, seria inexistente nos seres humanos primitivos, que estariam limitados apenas ao aspecto físico do amor e “felizes o bastante para ignorar essas preferências que lhes irritam o sentimento e aumentam as dificuldades” (ROUSSEAU, 1981, p. 78). Por isso, entre os seres humanos primitivos, as rixas seriam mais raras e menos cruéis.

Como todas as outras paixões, o amor só na sociedade teria adquirido esse ardor impetuoso que o torna muitas vezes funesto aos homens:

O ciúme dos amantes e a vingança dos esposos causam, a cada dia, duelos, mortes e coisas piores; onde a obrigação de uma eterna fidelidade só serve para promover o adultério, e onde as próprias leis da continência e da honra levam necessariamente ao deboche e multiplicam os abortos (ROUSSEAU, 1981, p. 80).

Jean-Paul Sartre, a respeito dessa questão, distingue o amor necessário do contingente. O amor necessário, com base mais sólida, funciona como um projeto de vida ao lado de alguém e não exclui o amor contingente – as paixões ocasionais, o interesse sem compromisso permanente –, mas este é visto como traição, termo que traz consigo o peso do estigma e da carga pejorativa, como o pior que pode ocorrer em qualquer relacionamento. Para satisfazer uma exigência social, a consequência necessária de uma traição deve ser a ruptura total e definitiva, o fim do relacionamento que implica uma espécie de anulação de todo o passado afetivo e existencial construído em comum.

A coexistência de amor necessário e de amores contingentes não é aceita nem tolerada socialmente e a infidelidade cometida por homens e mulheres é vista como um desastre irremediável. Com a moderna emancipação da mulher e com o fim da *necessidade* de se ignorar a traição, para se preservar o casamento a qualquer custo, a separação torna-se mais fácil, mas igualmente motivada por uma pressão social, incorporada pelos indivíduos.

Na modernidade, a situação de maior independência das mulheres favorece a facilidade ao divórcio, pois elas não se veem mais obrigadas a tolerar maus tratos e autoritarismo dos maridos, e as uniões se fazem mais em função de um desejo recíproco e menos em função de arranjos motivados por interesses financeiros e familiares; a própria possibilidade maior de acesso das mulheres ao mercado de trabalho contribui para isso, mas a mentalidade machista nem por isso se extinguiu, sendo ao contrário incorporada pelas mulheres e perpetuadas socialmente, fazendo com que a relação entre os sexos se faça sob o signo de uma disputa desigual.

O Marquês des Arcis visualiza a possibilidade de que, após tanto ele quanto a Sra. de La Pommeraye conhecerem outros parceiros e viverem outros amores, eles reatem o relacionamento, que recomeçaria renovado e mais forte, mas essa

possibilidade é rechaçada pela Sra. de La Pommeraye, que vê na infidelidade um crime imperdoável, que mancha irremediavelmente sua honra, e por isso mesmo ela busca se vingar, atingindo a honra de seu antigo companheiro. A maneira como o narrador expõe a história do relacionamento do casal, e como apresenta as considerações de vários personagens sobre tal história, revela de que forma a intimidade do casal e seus sentimentos são inseparáveis de uma expectativa e de uma pressão social, pois tais sentimentos nascem em função dessas expectativas, que ditam seus comportamentos.

Contrariamente à representação romântica, a inclinação amorosa não está isenta de uma forma de racionalidade resultante da padronização social, moral e religiosa. Segundo Rousseau, o homem sociável, sempre fora de si, só sabe viver segundo a opinião dos outros, e é unicamente através do julgamento deles que toma conhecimento de sua própria existência (ROUSSEAU, 1981, p. 117).

Assim, as mulheres levam em conta, na representação que se fazem de sua relação com o homem a que sua identidade está ligada, a representação que o conjunto dos homens e mulheres serão inevitavelmente levados a fazer dele, aplicando os esquemas de percepção e de avaliação universalmente partilhados no grupo (BOURDIEU, 2011, p. 48).

A história do “casamento singular”, presente em *Jacques, o fatalista*, apresenta o aspecto de representação dos gêneros, e se presta à discussão do processo de *dominação masculina*, conforme as análises de Pierre Bourdieu, que vê nessa dominação um exemplo de uma submissão paradoxal, resultante da violência simbólica, violência suave, insensível e invisível a suas próprias vítimas, exercida pelas vias simbólicas da comunicação e do conhecimento.

Assim como Rousseau observa que entre as diferenças que distinguem os homens muitas passam por naturais quando são unicamente obra do hábito e dos diversos gêneros de vida que os homens adotam na sociedade (ROUSSEAU, 1981, p. 81), Bourdieu chama a atenção para o fato de que “o mundo social e suas arbitrarias divisões, a começar pela divisão socialmente construída entre os sexos, são apreendidos como naturais, evidentes, e adquirem, assim, todo um reconhecimento de legitimação” (BOURDIEU, 2011, p. 17).

A diferença biológica entre os sexos, entre o corpo masculino e o corpo feminino, é vista como justificativa natural da diferença socialmente construída entre os gêneros. A sociedade se organiza de cima a baixo, segundo o princípio androcêntrico, e a diferença entre masculino e feminino, de caráter ambíguo e contingente, é vista como natural, ou seja, “a representação androcêntrica da reprodução social é investida da objetividade do senso comum e os atos de conhecimento são atos de adesão à doxa” (BOURDIEU, 2011, p. 45).

Bourdieu busca justamente demonstrar que a doxa é resultado de um processo responsável pela transformação da história em natureza, do arbitrário cultural em *natural*, defendendo que as estruturas de dominação não são a-históricas, são produto de um trabalho incessante de reprodução, para o qual contribuem agentes específicos e instituições, família, Igreja, Escola, Estado, instituições que perpetuam a relação de dominação masculina (BOURDIEU, 2011, p. 46).

Categorias construídas do ponto de vista dos dominantes são aplicadas às relações de dominação, fazendo-as assim ser vistas como naturais, o que leva a uma autodepreciação ou autodesprezo, visíveis na representação que as mulheres fazem de seu sexo. Os dominados contribuem para sua própria dominação, ao aplicar àquilo que os domina esquemas que são produto da dominação. Seus pensamentos e percepções se fazem conforme as estruturas mesmas da relação de dominação que lhes é imposta, e seus atos de *conhecimento* são atos de *reconhecimento*, de submissão. Por isso, as mulheres podem se basear em esquemas de percepção dominantes, que as levam a uma representação negativa do próprio sexo; é a lógica da relação de dominação que inculca nas mulheres, ao mesmo título das virtudes e da moral que lhes impõem, todas as propriedades negativas que a visão dominante atribui à sua “natureza” (BOURDIEU, 2011, p. 42).

A relação entre o Marquês e a Sra. de La Pommeraye e o fim de seu casamento revelam os princípios antagônicos da identidade masculina e feminina, bem como a naturalização da moral; aparecem ainda como a exemplificação de um duelo entre os sexos, de uma batalha de honra, motivada pela posição social dos cônjuges, e fundada nas convenções e nas normas morais e religiosas da sociedade. A Sra. de La Pommeraye ilustra a situação da mulher que pode adotar sobre a relação amorosa o ponto de vista masculino, pensado pelos homens com a lógica da conquista, segundo a qual o próprio ato sexual se concebe como uma forma de dominação, de apropriação, de “posse” (BOURDIEU, 2011, p. 29).

Conforme Bourdieu, o galanteio e a conquista, ou mesmo o assédio sexual, podem visar não apenas à posse sexual, mas também à simples afirmação da dominação em estado puro, revelando a ligação intrínseca entre sexualidade e poder. Simbolicamente votadas à resignação e à discricção, as mulheres só poderiam exercer algum poder voltando contra o forte sua própria força. As estratégias simbólicas que as mulheres usam contra os homens continuam dominadas, por terem fundamento numa visão androcêntrica em nome da qual elas são dominadas. Insuficientes para subverter a relação de dominação, tais estratégias acabam resultando em confirmação da representação dominante das mulheres como seres maléficos, é o caso de todas as formas de violência não declarada, quase invisível, que as mulheres opõem

à violência exercida sobre elas pelos homens, e que vão da magia, da astúcia, da mentira ou da passividade ao amor possessivo (BOURDIEU, 2011, p. 43).

Um aspecto central na história, realçado pela anedota *imoral* de Jacques, é atacar a fidelidade conjugal, vista como um dogma comportamental que atravessa épocas diferentes, como a única atitude considerada moral por membros de culturas e religiões diversas, e como o aspecto essencial e mais importante nas relações. A sacralidade milenar da fidelidade, como contrato mútuo de exclusividade recíproca entre parceiros, permeia as mais diversas culturas e distingue o bom do mau comportamento dos cônjuges, mesmo nas relações modernas que se dizem independentes dos padrões tradicionais de gênero, moral e religião, opondo-se à traição, cujo termo carrega em si o próprio peso da abjeção e da perversão moral. Entretanto, essa sacralidade pode carregar em si elementos de perpetuação da dominação masculina.

No tempo de Diderot, como hoje, trezentos anos após seu nascimento, pode-se criticá-lo como demasiadamente ousado na crítica de valores quase universalmente considerados sagrados e inalteráveis. Por outro lado, não se pode deixar de apontar que, com sua crítica, Diderot levanta a questão da desigualdade entre os sexos e mostra que até valores legítimos, inquestionáveis e (quase) universalmente válidos escondem formas de desigualdade e de dominação entre os indivíduos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Trad. Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.
- BRUNEL, Pierre et alli. *Histoire de la littérature française*. Du Moyen âge au XVIII^e siècle. Paris: Bordas, 2001.
- DIDEROT, Denis. *Da interpretação da natureza e outros escritos*. Tradução, introdução, notas e posfácio de Magnólia Costa Santos. São Paulo: Iluminuras, 1989
- _____. *Jacques, o fatalista, e seu amo*. Tradução, apresentação e notas de Magnólia Costa Santos. São Paulo, Nova Alexandria, 1993.
- DIDIER, Béatrice. *Jacques le fataliste et son maître, de Diderot*. Paris: Gallimard, 1998.
- KANT, Emmanuel. *Vers la paix perpétuelle et autres textes*. Introduction, notes, bibliographie et chronologie par François Proust. Traduction par Jean François Poirier et Françoise Proust. Paris: Flammarion, 1991.
- L'ÉNCYCLOPÉDIE OU DICTIONNAIRE RAISONNÉ DES SCIENCES, DES ARTS ET DE MÉTIERS. Textes choisis. Présentation par Albert Soboul. Introduction et notes par Phillippe Goujard. Paris : Éditions Sociales, 1984.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens*. Trad. Iracema Gomes Soares e Maria Cristina Roveri Nagle. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1981.

SANTOS, Magnólia Costa. Introdução. In: DIDEROT, Denis. *Da Interpretação da natureza e outros escritos*. São Paulo: Iluminuras, 1989, p. 11-22.

TATIN-GOURIER, Jean-Jacques. *Lire les Lumières*. Paris: Dunod, 1996. Disponível em: <<http://www.cles.com/enquetes/article/sartre-et-beauvoir-le-pacte-de-poly-fidelite>>. Acesso em 20/06/2014.

Recebido em 31.03.2014

Aceito em 02.06.2014